

NUNO SILVEIRA RAMOS
PEDRO SILVEIRA RAMOS

TARTAN
As velas da liberdade



Um barco chamado aventura

A história que se preparam para ler chegou até mim, em fragmentos, em ecos soltos, vai para mais de trinta anos. Eu conhecia alguns dos protagonistas. Na minha infância eles eram «os ruivos». Durante muito tempo julguei que fossem não apenas de uma raça diferente, mas de um outro planeta. Não estava inteiramente errado: «os ruivos» não vinham de um planeta diferente, mas também não viviam no mesmo planeta que nós. Eram de uma raça indómita, arrojada, capaz de embarcar na aventura apenas pelo prazer da aventura.

Os rapazes que escaparam de Angola, a 10 de Novembro de 1978, num barco à vela, dando origem a uma pequena lenda urbana, em Luanda, que se perpetua até hoje, não o fizeram tanto por desconforto político, quanto, sobretudo, pela paixão do risco. Um dia perguntaram ao alpinista George Mallory porque diabo tinha ele tanta vontade de escalar o Everest. Mallory encolheu os ombros: «Porque ele está lá!» Com os protagonistas deste livro foi também assim: o *Tartan* estava lá, e o mar era um convite. Então foram. Uns eram angolanos, outros apenas vagamente portugueses. O porto de chegada, que não podiam reconhecer como sendo o seu país, representava simplesmente, ao longe, o início de mais uma aventura.

Tartan – As velas da liberdade lê-se de um só fôlego, como quem lê um bom romance de aventuras, porque queremos saber

como foi e o que aconteceu a seguir. Parece-me também muito conseguida a descrição de alguns ambientes, em particular a Luanda dos anos da fúria revolucionária, entre 1975 e 1978, e o contraste entre o ambiente político, cada vez mais tenso, mais dramático, mais exaltado, e o despertar de um grupo de jovens para o doce apelo do mar. Alguns dos personagens que encontram no percurso, durante uma breve estada em Monróvia, poderiam figurar num romance de John le Carré ou de Ernest Hemingway, deixando no leitor uma vontade de conhecer mais, de permanecer mais tempo ali. É bom haver livros assim porque nos devolvem à vida, ao puro sabor da vida, e nos permitem continuar a acreditar que em havendo vontade, e um barco propício, toda a viagem é possível.

José Eduardo Agualusa

Preâmbulo

O oceano estende o seu azul crispado aos navegantes soprados pelo vento. Içam-se velas em contraluz e navegam-se sonhos em mares de liberdade. Na linha de água cintilante accionam-se bússolas, esferas armilares e sextantes. As proas ensaiam o salto de peixe para o cenário avermelhado do sol e mergulham as suas efígies no reflexo da lua adormecida, no leito esverdeado de Neptuno. Dia e noite, patrulhas de golfinhos atlânticos torpedeiam as águas com os seus corpos de cinzento e prata; guardam tesouros, almas naufragadas, segredos de muitos diários. Os marinheiros forçam o destino no meio das tormentas e desafiam a sorte nos vendavais. Em nome de Deus ou da ambição, fazem cruzadas pelo mundo das baleias, enquanto estas rondam silhuetas de embarcações estilhaçadas nas profundezas. Esses salteadores do tempo fogem dos corsários que poluem o seu imaginário e o tráfego marítimo até às areias douradas das praias ultramarinas. Na esteira de espuma das caravelas seguem os diplomatas da colonização. A seguir, chegam os novos descobridores da riqueza da civilização nativa e da imponente paisagem natural. Entretanto, surge a mestiçagem do convívio enraizado na imensa paisagem cultural.

Antes de qualquer previsão, a raiz de um embondeiro genealógico sucumbe prematuramente na batalha entre os novos conquistadores e solta-se da terra; esta fractura-se abruptamente sob

os pés do tronco humanizado que ali se implantou até ao quase impossível. Revira-se a ampulheta, e todo o sentido da vida toma outros rumos.

Novas coordenadas nascem em terra, no berço de África, na Angola descolonizada e metralhada. Depois, à deriva pelos mares ondulantes da imaginação, planeiam-se novos destinos ainda na rota insegura da morte. Enquanto sopram os ventos da História, consulta-se o mapa da vida à tona de águas profundas. Entre a terra e o mar cabem todas as peripécias do destino incerto.

A aventura escolhe os intervenientes ao acaso, e a estes não resta outra escolha senão tentar a sobrevivência. Içam-se velas e arriam-se bandeiras nos mastros que apontam céus sem fronteiras. Não há sistema de navegação por satélite, sondas ou cartas náuticas, mas apenas um motor avariado ligado à vontade de partir.

Mantém-se uma agulha magnética desorientada entre a fluorescência dos velozes golfinhos que se iluminam no âmbar atlântico. A esfera armilar, obsoleta e enferrujada, inveja as imponentes baleias, que teimam em dominar todos os pontos cardeais do reino verde-esmeralda. O velho sextante, reformado dentro de uma gaveta, já não acompanha o ritmo de um comum rádio transistor que se intromete, com «engenho e arte», entre a família dos instrumentos de navegação.

As antigas naus deixam as águas à mercê de um veleiro que tenta descobrir o norte, escapando entre os novos piratas que ainda assombram as mais frágeis embarcações. Os velhos marinheiros, agora sepultados em livros de História no capítulo dos Descobrimentos, partilham em silêncio a aventura de seis jovens que fogem rumo ao desconhecido, entregues aos mesmos caprichos do vento e das correntes, com o mesmo medo de morte e com a mesma ânsia de vida.

Há apenas uma indecifrável nova terra à vista a entrar pela proa do tempo e, contudo, na azáfama das manobras a bordo de um tempo presente, não há tempo para afundar o pensamento no futuro.

Por fim, recupera-se o passado encalhado no cais de partida. Lança-se a âncora às palavras, aos sons, aos cheiros, aos sabores e às imagens, amarrando-se o olhar à popa do tempo. Com todos os

sentidos alerta, de norte para sul, no cais de chegada, revisita-se o diário de tinta permanente invadido pelas vagas, e a aguarela ganha novas cores num imenso universo de memórias. A viagem acaba por fundear neste quadro, depois de se evadir da paleta, numa revolução de cores oferecidas à tela. É aí que se atracam todas as metáforas, entre a terra dos sonhos e dos pesadelos.

Luanda, na revolução (in)temporal

O pincel tentava enganar a rotina, ora mergulhando nas cores quentes para aquecer a memória, ora salpicando com tons de mar frio o jornal estendido no chão. Naquela curta viagem da paleta até ao cavalete, as intenções estéticas do pintor desviavam-se por uma passagem secreta até um fresco quadro da sua juventude. A fase mais marcante da sua vida estava muitas milhas para lá daquela tela, mas ele insistia num tema recorrente, assim como quem tenta encontrar um estilo próprio nos alicerces da sua existência. Para passar óleo no tempo, pintava um veleiro adornado como se estivesse a manobrá-lo; uma traineira como se lhe sentisse o cheiro a peixe; o mar como se lhe salpicasse o rosto; um porto de abrigo como se tivesse acabado de desembarcar ali. Desta vez e para variar, o tema era Luanda, a terra que se perpetuou em si.

Agora, dominavam as cores garridas para retratar a cidade que despertava pela madrugada, quando as quitandeiras saíam do bairro do Cazenga, de São Paulo ou do Sambizanga. Essas vendedoras invadiam as ruas e avenidas com as suas quitandas cheias de peixe, marisco ou fruta, e equilibravam essas cestas na cabeça com a mesma facilidade com que metiam os filhos às costas, presos por panos de padrões coloridos que enrolavam à cintura. Muitas vinham do Cacucaco, nos arredores da capital angolana, e desaguardavam, entre pregões estridentes, no mercado do Largo da Mutamba ou na marginal:

- Yéh camarão... Yéh camarão!
- Olho, ciporra, napissa – o alho, a cebola, a nabiça.
- Olha o abacaxi!

As vozes das quitadeiras ainda ecoam nos ouvidos do Pedro. Vêm acompanhadas pelo vento de sudoeste que se lhe infiltrou nos tímpanos durante muitos dias e noites no mar, ao largo da costa africana. Esses sons misturam-se com os cheiros, com os sabores e com as imagens que ainda transbordam dos outros sentidos. Enquanto isso, os dedos tateiam a tinta recente para esbater um contorno mais vago daquela cidade que ele conhecera como as palmas das mãos.

Na marginal, algumas pessoas pescavam tainhas com fateixa e, a caminho da ilha, logo a seguir à ponte, estavam as bancas onde se vendiam minhocas e um bivalve chamado mabanga, isco para a pesca apanhado durante a preia-mar dessa madrugada. Os vendedores ambulantes caminhavam pela praia vendendo bolos, fatos-de-banho, colchões, pevides, paracuca, nougat, gelados, ou língua-de-sogra.

Da Mutamba saíam autocarros, os ditos «machimbombos», apinhados de gente. Quem não tinha dinheiro para o bilhete, ia pendurado na porta ou no pára-choques. Alguns apanhavam boleia aproveitando os sinais de stop dados pelos polícias sinaleiros, do alto das suas pianhas, protegidos por um guarda-sol colorido. Eram os cabeças de giz que animavam o trânsito caótico de manhã e ao fim da tarde, com os seus gestos extravagantes e autoritários.

A magnífica baía de Luanda descreve um arco de quatro ou cinco quilómetros, desde o porto da marinha mercante, passando pela fortaleza, até à ilha onde se situa o Clube Náutico, o Clube Nun'Álvares e o Clube Naval. Um pouco mais à frente, depois de se passar o Hotel Panorama, ficam as oficinas navais da Sorefame e, logo a seguir, as instalações da marinha de guerra, um bairro de pescadores e algum casario que se estica até à ponta da ilha, bem perto do restaurante-bar Barracuda.

Todo este cenário também era alvo do pincel, que se espalhava em cerca de meio metro de uma esbatida ilustração, em aguarela, óleo ou carvão.

Ao fim-de-semana, as praias enchiam-se de gente. Por vezes, saíamos de lá depois do pôr-do-sol, tomávamos umas cervejas que eram servidas com um prato de camarão a acompanhar e depois jantávamos no Restinga, no Tamar, ou no bar Com os Pezinhos na Água. Depois do jantar, íamos até ao cinema Miramar, ao ar livre e com vista para a cidade.

O Clube dos Amadores de Pesca localizava-se no Fetungo de Belas, ao lado do embarcadouro do Capsoca que transportava pessoas para a ilha do Mussulo. Aí, passava-se sempre um bom fim-de-semana, entre mergulhos naquelas águas bem temperadas e povoadas de peixe-espada, sargos, roncadores, polvos e santolas, entre dongos de pescadores ou barcos de recreio, entre churrascadas com gindungo regadas a cerveja para atenuar o picante, até às valentes sextas ou às partidas de futebol de praia ao entardecer...

E num qualquer fim-de-semana do século seguinte, muitas milhas a norte da geografia quente do trópico de Capricórnio, com muitas páginas reviradas do livro de História e do diário da sua vida, longe do espaço e do tempo da acção, perdendo de vista os machimbombos apinhados de gente, longe das vozes estridentes das quitandeiras, mas ainda com o saudoso sabor das frutas e do peixe na boca ou com a omnipresença do sal e do sol na pele, o Pedro rubrica o canto de mais um quadro vivo e sorridente da capital angolana, qual pintor neo-realista que se entrega à tarefa de reciclar o passado na projecção do futuro. A pintura não passa de um mero *hobby* do professor de natação, que outrora foi campeão nas camadas jovens do Clube Nun'Álvares.

Jovem organizado, astuto e perspicaz, o Pedro sempre gostou da experiência e da aventura. É daqueles que parte em qualquer viagem com qualquer amigo e tem fibra de marinheiro, apesar do físico mediano não aparentar tamanha energia. De estudante em

época colonial, passou a trabalhador na Capital, nos dias da sua independência:

Durante o ano de 1977, trabalhava numa empresa de carga aérea, situada na baía de Luanda. Passávamos os dias no aeroporto, a despachar paletes cheias de caixotes com os últimos haveres de pessoas que tinham fugido para Portugal.

Ao fim-de-semana, juntávamo-nos em casa do Sérgio. Com a sua vida num vaivém entre Luanda e Lisboa como comissário de bordo, ele levava sempre as últimas novidades da música que se ouvia na Europa, além de umas garrafas de whisky, coisa rara em Luanda, onde se alternava mais o rum da cidade com o kaporroto¹ dos musseques.

Outras imagens cromáticas invadem a moldura e pelo vidro estilhaçado entra, de rompante, uma revolução mal acompanhada por uma guerra civil. Diz-se adeus à guerrilha colonial de fraco calibre e vem a guerra toda. Na reviravolta, abrem-se feridas político-sociais e os coloridos panos com padrões tradicionais tingem-se de camuflado, enquanto os pregões se tornam gritos de guerra. No céu, as estrelas combatem contra balas tracejantes, enquanto que nas ruas militarizadas se confundem as fardas com a imensa variedade dos arsenais. Vão-se embora os portugueses, combatem os angolanos e chegam os cubanos: fardas verdes para militarizar ou azuis para leccionar. Na intermitência dos tiros e das aulas, mistura-se, na cidade, o rum com a rumba e esta com a música de Rui Mingas, Teta Lando, dos Kiezos, Elias Diakimuezo, ou do zairese Matadidi Show. No auge da festa macabra, o cheiro dos charutos dança com o cheiro da pólvora. Não param os relatos da rádio, e até os golos do estádio da Cidadela entram pela novidade do ecrã experimental da Televisão Popular de Angola (TPA). Um tiro ouvido na televisão não tem qualquer impacto, mas as frentes de combate – de norte a sul do país – acabam por conquistar o seu

¹ Bebida caseira feita nos bairros de lata da periferia, a partir da destilação de fermentado de açúcar ou frutos. A fermentação é acelerada por pilhas ou baterias de automóveis.

tempo de antena em boletins diários da situação político-militar. Na desordem do dia, um dos primeiros actos da justiça angolana acontece aquando do julgamento e execução em praça pública de mercenários sul-africanos. Cruzam-se os discursos intensos de Agostinho Neto e Fidel Castro com os desenhos animados de leste, e chega a cooperação cultural brasileira na voz de Chico Buarque, Caetano Veloso e Alcione. E a luta continua até ao Carnaval da Vitória! Na hora de um recolher obrigatório, um golpe de magia do escritor Jorge Amado adormece as armas e Luanda aninha-se, voluntariamente, à frente de escassos aparelhos de televisão.

Troca-se o escudo pelo kwanza, que corre de mão em mão com nome de rio. Os símbolos coloniais são apagados da face da capital. A poderosa estátua da Maria da Fonte é dinamitada e transforma-se em «Maria do blindado». Uma «obra de arte» semelhante é exposta no Largo 1.º de Maio, pretendendo significar o domínio militar de um triunfante carro blindado do MPLA² sobre costas curvadas de uma chaimite, escrevinhada em tinta branca com a sigla: FNLA³. Na cidade, quase sempre proibida à UNITA⁴, os enormes *outdoors* mostram o presidente Neto e os fundadores do socialismo científico – Marx, Engels e Lenine – além dos novos heróis de Angola, o comandante Valódia, a camarada Deolinda, o jovem Hoji Ya Henda e o pioneiro Ngangula.

Depois da independência, muita gente tinha começado a refugiar-se na capital que, por sua vez, começou a rebentar pelas costuras. A maioria dos técnicos portugueses já tinha deixado Angola e o ponto de rotura deixou à vista a grande falta de quadros locais. As infra-estruturas citadinas não resistiram e Luanda passou a ter graves problemas de habitabilidade, pela falta de orientação ou manutenção ao nível sanitário, de água e luz, ou na rede de esgotos.

² Movimento Popular de Libertação de Angola, liderado por Agostinho Neto.

³ Frente Nacional de Libertação de Angola, com liderança de Holden Roberto

⁴ União Nacional para a Independência Total de Angola, com liderança de Jonas M. Savimbi.